

DE UMA PERIFERIA À OUTRA NA TRADUÇÃO PORTUGUÊS - DINAMARQUÊS

Ingemai Larsen
Universidade de Copenhagem
ingmer@hum.ku.dk

Resumo: Este artigo visa abordar a história da tradução luso-dinamarquesa no sentido de focar alguns dos numerosos factores que a influenciaram, como, por exemplo, a relação entre a história da tradução e a da língua dinamarquesa. Enquanto a primeira obra portuguesa a ser traduzida para dinamarquês foi *Os Lusíadas* que já em 1828 – em plena época romântica – venceu a considerável distância entre as duas periferias da Europa, foi apenas em 1948 que pela primeira vez se tinha acesso a um texto brasileiro, *Os Sertões*, em língua dinamarquesa. O artigo fornece exemplos de como um quadro ideológico internacional é decisivo para a aceitação de tradução de novos textos e mostra ainda como a rentabilidade das obras traduzidas tem sido, muitas vezes, imprevisível à partida. Assim, ele dá prova de como sem apoio financeiro externo e um certo idealismo por parte dos editores e tradutores se torna praticamente impossível manter vivo o contacto entre duas línguas como português e dinamarquês.

Palavras-chaves: tradução português-dinamarquês, tradução e contexto ideológico, idealismo versus pragmatismo.

Abstract: This article aims at presenting the Luso-Danish history of translation in the sense of focusing some of the numerous factors influencing it, such as the relation between the history of translation and the history of the Danish language. While the first Portuguese work to be translated into Danish was *Os Lusíadas*, which as early as in 1828 – at the height of the Romantic epoch - conquered the considerable distance between the two peripheries of Europe, it was not until 1948 with the translation of *Os Sertões* that for the first time a Brazilian text was made available in Danish. The article offers examples of how an international ideological frame has

been decisive for the translation of new texts and it shows how the remunerativeness of translated texts has often been unpredictable at the time of publication. Thus, it also proves that without external financial support and a certain idealism on the part of the editors and translators, it is almost impossible to maintain alive the contact between two languages as Portuguese and Danish.

Keywords: translation Portuguese-Danish, translation and ideological context, idealism versus pragmatism.

De uma periferia à outra na tradução português-dinamarquês

Para quem quiser fazer o balanço da história da tradução de literatura de língua portuguesa é preciso considerar alguns problemas metodológicos que, sobretudo, se ligam ao foco do interesse, no sentido de esclarecer o que é precisamente aquilo que se procura avaliar. Um balanço requer, evidentemente, alguma forma de quantificação numa perspectiva diacrónica. Porém, apresentada de uma forma descontextualizada, esta quantificação prosaica, abrangendo títulos de obras que ao longo dos tempos têm sido traduzidas, neste caso para dinamarquês, revela muito pouco. Por exemplo, no que diz respeito ao interesse manifestado pela literatura de língua portuguesa, essa quantificação conta apenas parte da história; relativamente à recepção das obras, revela ainda menos; e, no que diz respeito à qualidade das traduções, não diz praticamente nada.

No entanto, o que os números na realidade provam é a existência de uma série de tradutores que têm cumprido uma tarefa muito específica, uma tarefa que se baseia na vontade e determinação de invadir uma nova cultura e extrair dela parte da sua especificidade para poder transmiti-la à sua cultura de origem¹ – e fazer assim a ligação entre duas periferias: a Dinamarca e o mundo da língua portuguesa.

São aspectos desta história de tradução e de outras histórias com ela relacionadas que se pretende aflorar neste artigo.

A história de tradução luso-dinamarquesa, que neste caso abarca toda a comunidade lusófona², é breve e é representada por poucas obras: estreia-se em 1828 e até 2006 conta apenas 187 obras. Desta quantidade, os textos brasileiros ocupam cerca de dois terços, os textos portugueses cerca de um terço, e os textos provenientes de África, uma pequena percentagem.

Visto numa perspectiva de recepção, a selecção de textos traduzidos de uma determinada língua cumpre sempre a função de embaixadora cultural relativamente a essa língua ou até de formar um cânone, isto é, tende a servir como o representante mais prestigiado e emérito da literatura em geral e, por seguinte, como representante da autoconcepção ou, se se quiser, da identidade desta mesma língua e cultura. Sendo assim, vale a pena levantar a questão se um número de traduções tão modesto como o da língua portuguesa para dinamarquês é capaz de gerar imagens que consigam revelar aspectos coerentes desta autoconcepção – por mais flutuante e vago que seja este maravilha.

A curta resposta que se desenvolve a seguir é que, por um lado, esta nossa história ('nossa' porque uma história de tradução pertence, por natureza, a duas línguas) se caracteriza sobremaneira por coincidências e preferências pessoais; mas que, por outro, acaba por ser, na nossa opinião, inesperadamente representativa da história da literatura portuguesa em particular, mas também, à sua própria maneira, da história da literatura brasileira.

A função que as obras traduzidas têm de criar imagens de uma literatura e de uma cultura é particularmente notória quando se trata de uma literatura de uma língua relativamente distante, à qual tem acesso apenas um número reduzido de pessoas. Este é exactamente o caso do português em relação ao dinamarquês³ (e vice-versa) o que também explica o emprego do substantivo "periferia" no título deste artigo. Assim, com esta designação refere-se a vários aspectos: no sentido descritivo à distância geográfica e mental que, sem dúvida, existe entre a Dinamarca e, em grau variado, os diversos membros dos PALOP⁴. No sentido normativo,

utiliza-se a designação “periferia” pensando, sobretudo, nas histórias da cultura e da literatura da Dinamarca e de Portugal, cujas literaturas, em comparação com as dos países que separam estes países, são, *a grosso modo*, desconhecidas – tirando algumas poucas exceções: H.C. Andersen, Søren Kirkegaard e Karen Blixen desempenham o papel de protagonistas da história da literatura dinamarquesa; Luís de Camões, Fernando Pessoa e José Saramago desempenham o mesmo papel na história da literatura portuguesa. De modo que, em relação a um contexto hierárquico cultural europeu, iríamos reivindicar que Portugal e a Dinamarca se encontram na mesma posição, sendo o caso do Brasil um pouco mais complexo por não fazer sentido estabelecer um contexto cultural que compare estes dois países. O mesmo se pode dizer em relação aos países africanos de língua portuguesa. No entanto, considerando todo o PALOP é evidente que a ilustração mais óbvia desta “perifericidade” recíproca é precisamente o modesto número de textos traduzidos de uma para a outra das nossas duas línguas⁵, donde a nossa ideia que sem uma história de tradução a troca cultural entre o mundo lusófono e a Dinamarca seria ainda mais limitada.

Com estas observações introdutórias, procuramos mostrar o que para os estudos de tradução é uma ideia fulcral: que a história da tradução não pode nem deve ser considerada e analisada de uma maneira isolada, pois insere-se numa série de outras histórias que nem sequer pertencem apenas às duas línguas envolvidas, mas que passam também pela história política e socioeconómica internacional, e vão até à história da cultura e das mentalidades “locais”, incluindo, naturalmente, a da relação entre história da tradução e história das línguas em questão⁶.

Em poucas palavras, podemos dizer que o dinamarquês é, como as restantes línguas escandinavas, uma língua pequena⁷, e que a Dinamarca sempre dependeu de traduções para poder comunicar para fora das suas fronteiras. O que chama a atenção é que, para a Dinamarca, o latim como língua mediadora ocupou um papel muito mais predominante do que para Portugal. Na verdade, esta tradição foi mais duradoura do que em todos os outros países da Europa⁸.

Enquanto que em Portugal, já durante o século XIV o latim tinha cedido a favor do português (ou do espanhol), a situação dinamarquesa é diferente. Uma das várias razões que há para isso é que a publicação da obra que mais se aproxima de uma epopeia nacional, a *Gesta Danorum*, escrita em cerca de 1200 por Saxo Grammaticus, ocorreu demasiado cedo para poder abrir caminho ao vernáculo – e não surgiu mais tarde nenhuma obra que, como *Os Lusíadas* fizeram, sublinhasse, de forma exemplar, que a língua nacional devia ser a língua materna. Além do mais, o autor dinamarquês chega a traduzir várias fontes escandinavas para latim.

Durante o Renascimento, esta situação mantém-se inalterada e mesmo até o início do século XIX a grande maioria das traduções é feita para latim. A Bíblia de Lutero constitui a excepção indispensável a esta regra, e há também outros textos traduzidos do alemão ou do baixo-alemão para dinamarquês. Assim, de forma geral, a Alemanha desempenha um papel incontornável na história da literatura e cultura dinamarquesas (não esquecendo a história política), exemplificado pelo facto de até 1850 praticamente toda a literatura inglesa ser traduzida por via do alemão.

Entrando na época romântica, muda o panorama. Os tradutores aprendem a falar francês, aprendem italiano e espanhol – já em 1776, *Dom Quixote* está disponível em dinamarquês e em 1828 é a vez d' *Os Lusíadas* vencerem a distância entre as duas periferias da Europa⁹. Nesta época, verifica-se também que a tradução de literatura inglesa inicia um movimento em direcção à total predominância que esta literatura tem actualmente.

Durante o século vinte, a história da tradução dinamarquesa assemelha-se à da das outras pequenas línguas. É, porém, de notar que enquanto a época colonial portuguesa veio multiplicar o número de falantes do português, a expansão marítima dinamarquesa só marginalmente aumentou a quantidade de falantes do dinamarquês¹⁰, de modo que a necessidade de traduções não diminuiu. Antes pelo contrário, as actividades de tradução aumentaram, embora a quantidade de textos literários tenha baixado em relação a textos

administrativos e de comércio, acrescentando o facto de as traduções de inglês para dinamarquês actualmente serem mais do que de todas as outras línguas em conjunto.

Geralmente, tem-se tornado cada vez mais difícil vender literatura traduzida não anglo-saxónica, de modo que a actividade editorial deste material depende ainda o mais das vezes de apoio financeiro externo e/ou de um certo idealismo por parte dos editores e tradutores.

E são precisamente estas as palavras-chaves que caracterizam as actividades de tradução luso-dinamarquesa. A partir de 1828 e até à data, foram traduzidas para dinamarquês 28 obras portuguesas escritas por 11 autores, e ainda excertos de obras de mais 6 autores, abrangendo entre outros o já mencionado Luís de Camões, Eça de Queirós, Sophia de Mello Breyner Andresen, José Saramago, Agustina Bessa-Luís, Fernando Pessoa e António Lobo Antunes, além das autoras das *Novas Cartas Portuguesas* e de uma série de poetas românticos portugueses e brasileiros¹¹.

No que diz respeito ao Brasil, a história de tradução inaugura-se em 1948 com *Os Sertões* de Euclides da Cunha, seguindo-se-lhe em 1956 *Dom Casmurro* de Machado de Assis¹². Mas é a partir de cerca de 1975 que o ritmo de tradução aumenta, de modo que estão actualmente editados em dinamarquês cerca de 40 autores (15 dos quais com excertos de obras). Quanto aos autores de prosa, estão traduzidos, entre outros, João Guimarães Rosa, Machado de Assis, Clarice Lispector, Mário de Andrade, Rubem Fonseca, Ana Miranda, Jorge Amado e Paulo Coelho¹³. De entre os poetas distinguem-se, entre outros, Manuel de Bandeira, Ivan Junqueira, Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade¹⁴.

E, finalmente, da África lusófona encontramos obras de Mia Couto, José Eduardo Agualusa e Pepetela, Germano Almeida, e ainda três antologias da época da guerra, reunindo poemas dos membros de MPLA e textos semelhantes¹⁵.

Não se sabe ao certo em que medida é que as obras destes autores foram vendidas e lidas. Com poucas excepções, as edições são de entre 600 e 3000 exemplares, mas em vários há livros por vender. As excepções a este estado de coisas são José Saramago e

Jorge Amado¹⁶ e ainda Paulo Coelho, embora este autor seja visivelmente menos vendido na Dinamarca do que nos países vizinhos¹⁷. Mas, no geral, os números de vendas são a prova inequívoca da existência de editores que tomam decisões pragmáticas sem por isso ignorarem a dimensão idealista. Ou seja, grande parte dos livros traduzidos para dinamarquês viu a luz do dia unicamente por terem beneficiado, por um lado, da energia incansável do tradutor e, por outro lado, de um subsídio do *Instituto do Livro e das Bibliotecas*, do *Instituto Camões*, da *Fundação Calouste Gulbenkian* ou ainda do *Centro de Informação da Literatura Dinamarquesa* e outras fundações dinamarquesas. Escassos foram os textos editados sob puras condições do mercado, e mesmo a edição d' *Os Lusíadas* insere-se na história do apoio à cultura. Durante a década de 1820, o diplomata e autor H.V. Lundbye aprendeu português suficiente para traduzir toda a epopeia de Camões, se bem que com o apoio financeiro dos então ministros Møsting e Malling - uma façanha impressionante que posteriormente lhe garantiu o grande prémio da Sociedade das Ciências Reais. Assim, quando há pouco caracterizamos a nossa história como sendo cheia de coincidências, não estávamos a pensar neste momento determinante do processo de tradução - pelo contrário, é evidente que encontramos nos programas de apoio cultural uma das condições básicas para que duas línguas como as nossas estejam em contacto. Outra circunstância prende-se com o empenhamento pessoal de cada um dos tradutores, começando com o acima mencionado H.V. Lundbye, que, no seu prefácio, nos dá a perceber a dimensão do seu empenho em "mostrar esta obra-prima em versão integral"¹⁸.

Passaram cem anos até que, em 1928, o segundo texto português foi traduzido para dinamarquês, desta vez por incitação do embaixador em Copenhaga, Ferreira d'Almeida e, depois decorreram ainda mais 50 anos até serem traduzidas as *Novas Cartas Portuguesas* - não a partir do português, mas sim do inglês. São mesmo palpáveis a indignação e a solidariedade feminina do prefácio deste livro, mas não surpreende, pois é exactamente nesta década de 70 que vamos verificar uma simpatia política tanto para com os

sujeitos colonizados como para com as mulheres portuguesas, simpatia essa também da parte dos editores – independentemente da qualidade literária dos produtos que publicaram. Tanto os prefácios como os próprios conteúdos evidenciam esta motivação ideológica¹⁹, como, por exemplo, numa antologia de poemas de Agostinho Neto de 1976 (traduzidos do inglês) que apresenta uma série de poemas menores de Neto. Este facto exemplifica o que mencionei acerca das várias histórias interligadas na história da tradução. Assim, verifica-se neste caso como um quadro ideológico e feminista internacional foi decisivo para a chegada de novos textos portugueses à Dinamarca.

No outro extremo, no entanto, a preferência pessoal também vem a ser decisiva para nós: Quase simultaneamente, em 1977, um poeta e tradutor dinamarquês vai descobrir Fernando Pessoa, o que resulta na publicação de uma antologia e, mais tarde, de quatro colecções de poemas que para os dinamarqueses – como para todos os outros - se apresenta como um caso à parte, muito portugueses e ao mesmo tempo nada portugueses. Foram editadas na altura em que Pessoa foi postumamente descoberto a nível internacional e foram muito bem recebidos pela crítica.

Com o fim da guerra colonial, as vozes lusocríticas não provêm apenas de África mas também da metrópole e são estas vozes que vão tomar posse da toda a história a seguir – se bem que não sem problemas. O primeiro tradutor de António Lobo Antunes quase desesperou com *Os cus de Judas*, de 1978, um romance que, como sabemos, pouco respeito mostra tanto pela língua como pela alma lusitana. Requereu também um esforço fora do vulgar entrar no universo de um outro rebelde nacional, José Saramago. Analisado em retrospectiva, foi, de ponto de vista comercial, uma boa opção, mas foi uma coincidência que fez com que a tradutora do *Memorial do Convento* tomasse conhecimento deste romance – e foi a sua tenacidade que assegurou uma edição com a correcta pontuação (ou falta da mesma)²⁰. Desde então, quase toda a obra saramaguiana tem estado disponível para os falantes do dinamarquês. Foi, aliás, a mesma tradutora que posteriormente se ocupou de outros textos complicados, como *O Livro de Desassossego* de Bernardo Soares,

o único texto português a ter alcançado o topo da lista dos livros mais vendidos na Dinamarca.

A prosa condensada e bastante luso-sarcástica de Agustina Bessa-Luís tem sido traduzida para dinamarquês por um tradutor de origem portuguesa, que com o apoio do INLP, conseguiu editar quatro romances desta autora além de várias outras obras.

Há, assim, uma tendência clara para traduzir autores de qualidade e para traduzir obras complexas e exigentes, de rentabilidade imprevisível à partida.

Passando agora ao Brasil, encontramos praticamente o mesmo cenário, só que a selecção de livros é maior. Já mencionamos que em comparação com Portugal há duas vezes mais traduções de textos brasileiros, uma circunstância que apela a várias reflexões - parece, por exemplo, interessante aplicar uma perspectiva pós-colonial sobre o facto de uma ex-colónia ultrapassar pela direita a sua metrópole. No entanto, conforme o que se anotou relativamente à distância mental entre a Dinamarca e o Brasil a explicação mais plausível deste estado de coisas é, provavelmente, baseada numa circunstância de natureza sócio-económica: os viajantes dinamarqueses (e muitos outros) e, entre eles, potenciais tradutores têm hoje em dia óptimas oportunidades para conhecer o Brasil, uma nação cujos contrastes despertam um imenso fascínio, também ao nível cultural e de literatura.

Muitos tradutores e editores de obras brasileiras caracterizam-se pelo facto de terem sido ao mesmo tempo idealistas e estarem conscientes da qualidade das obras, e ainda por terem procurado mostrar um Brasil não tropicalista, exótico e estereotipado. Desde a tradução d' *Os Sertões* passando por *Dom Casmurro* e até às mais recentes publicações verificamos nos seus prefácios uma argumentação que claramente exprime esta ambição, por exemplo no prefácio de *O Grifo* de Ivan Junqueiro onde se lê que "está na hora de rever a visão folclorista de um país como o Brasil [e o conhecimento de Junqueiro irá contribuir para isso]"²¹.

Esta mesma motivação é pretexto da tradução de uma antologia latino-americana cujo prefácio é muito explícito na sua afirmação de

que pretende divulgar o conhecimento de uma literatura que desde sempre foi ofuscada pela literatura hispânica²². A chamada literatura “tropicalista” é, portanto, praticamente inexistente na Dinamarca; nem sequer se encontra *Gabriela, cravo e canela* (o que parece um pouco lamentável), estando Jorge Amado representado na língua dinamarquesa apenas com *Cacau* e *Tocaia Grande*. Por outro lado, há acesso a Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e uma variedade de poetas – mais ou menos famosos no Brasil e fora dele e criando imagens mais ou menos esperadas e coerentes.

Que imagens são então dadas dos países lusófonos através dos textos traduzidos para dinamarquês? Em relação a Portugal, dominam, para o bem e para o mal, os corifeus nacionais – Camões, Pessoa, Saramago e Antunes –, que, acompanhados de mais algumas vozes, criam uma imagem bastante crítica e, pensando no decorrer da história portuguesa dos últimos trinta anos, reveladora da nação Portuguesa. Apesar das muitas coincidências, as obras traduzidas são certamente espelho de um desenvolvimento literário e cultural nacional - o que faz levantar a questão se se deveria substituir o substantivo *coincidência* por *contingência*.

Também no que diz respeito ao Brasil encontramos uma série de obras canonizadas - *Macunaíma*, *Grande Sertão: Veredas*, *A Hora da Estrela* -, acompanhadas de textos e vozes marcadamente diferentes, que, no seu total, parecem representar não a identidade brasileira, mas antes carregar em si as mais variadas identidades: desde os autores que tradicionalmente se viam como manifestações do coração do Brasil às vozes que fizeram a ruptura com esta ideia. São, portanto, na sua heterogeneidade, bons embaixadores de uma cultura e auto-concepção extremamente múltiplas.

Finalmente, falando da África lusófona, a quantidade de obras é tão reduzida que não faz sentido ir além da afirmação de que os títulos e autores correspondem exactamente aos autores actualmente mais reconhecidos no mundo lusófono em geral; autores que estão em plena fase de canonização e que deveriam ser acompanhados de muito mais vozes desta continente.

Tendo voltado à questão do cânone, podemos então concluir, muito cautelosamente, que uma actividade de tradução, mesmo das dimensões desta em questão, tanto consegue apoiar, reproduzir como pôr em causa um cânone nacional. É evidente que esta reivindicação é altamente subjectiva, problemática e pouco científica (basta problematizar o conceito de cânone) – o que queremos defender é, no entanto, muito mais modesto: é que, tenha isso sido intencional ou não, mesmo uma historia de tradução quantitativamente reduzida como a nossa conseguiu criar imagens significativas e, na nossa opinião, relevantes. Ou seja: para os dinamarqueses que efectivamente leram as obras que constituem esta história, a nossa recíproca “perifericidade” tornou-se um pouco menos manifesta.

Notas

1. cf. Steiner, 1975, p. 28.
2. Com a excepção de São Tomé e Príncipe e de Timor-leste donde ainda não se traduziu textos para o dinamarquês.
3. No liceu/escola secundária dinamarquês/a não é possível estudar português (mas, sim, espanhol e italiano, por exemplo). Nas universidades de Copenhaga e Aarhus entram por ano cerca de 15 estudantes para fazerem o curso de língua e cultura portuguesa/brasileira. De 1970 a 2006 apenas cinco tradutores traduziram 4/5 de todos os textos portugueses disponíveis em dinamarquês.
4. Como quer que seja, a distancia mental entre a Dinamarca e o Brasil parece ser mais curta do que a distancia a Portugal, uma circunstância que se manifesta por exemplo na visibilidade do Brasil na media e no facto de a maioria dos estudantes universitários de culturas e línguas portuguesas terem escolhido este curso devido ao seu interesse pelo Brasil.

5. Fazendo uma comparação com, por exemplo, Itália e Espanha este facto torna-se ainda mais aparente: De 1950 até a data mais de 700 textos italianos e 1100 textos espanhóis foram traduzidos para dinamarquês.

6. Como é de conhecimento geral, os aspectos sócio-culturais da prática de tradução só vieram a despertar o interesse do mundo académico nos finais da década de 70, tendo os teóricos de 'polisistema' (Gideon Toury, Even Zohar e outros) estabelecido a base do trabalho que a seguir tornou-se parte integrante do 'cultural turn' nos estudos de tradução. Protagonizado por Susan Bassnett, Lawrence Venuti e outros, esta mesma prática de tradução tem sido analisado como uma actividade que também se insere num determinado sistema cultural, político e socio-económico (cf. Larsen, 2002, p. 151-153).

7. A língua dinamarquesa é falada por pouco mais de 5 milhões de pessoas, ou seja ela ocupa cerca o centésimo lugar no mundo (Lund, 2003).

8. Hjørnager (1998), p. 385

9. Cerca de 50 anos depois haverá um movimento na direcção oposta: A viagem de H.C. Andersen a Portugal, a sua estadia na casa da família O'Neill e a visita a Feliciano Castilho cuja mulher dinamarquesa era uma tradutora hábil, explica como alguns românticos dinamarqueses, sobretudo o próprio Andersen, conseguem serem traduzidos para português.

10. Cerca de 50.000 groenlandeses e um número correspondente de pessoas das ilhas Faroé tem dinamarquês como a segunda língua obrigatória. A Dinamarca retirou-se (isto é: vendeu) da Tranquebar na Índia em 1847 e das ilhas dinamarquesas das Índias Ocidentais em 1918 enquanto a Islândia obteve independência em 1945.

11. De Sophia de Mello Breyner Andresen foi traduzido *O Cavaleiro da Dinamarca*, de José Saramago quase toda a obra, de Eça de Queirós *O primo Basílio e A Cidade e as Serras*, de Almeida Faria *O Conquistador*, de Agustina Bessa-Luis *Vale Abraão* e *Um cão que sonha*, de Almada Negreiros *Nome de Guerra*, de António Lobo Antunes três títulos e de Fernando Pessoa os quatro heterónimos principais. Ainda são traduzidos fragmentos de textos de Jorge de Sena, Manuel António Pina, Julio Dantas e Maria Isabel Barreno. Para uma lista completa, que inclui peças de teatro e contos, ver www.oerby.dk.

12. A Dinamarca mantém relações diplomáticas oficiais com o Brasil desde 1828 e com Portugal desde 1761. O tradutor de *Os Sertões*, Richard Wagner Hansen,

foi exactamente diplomata e desempenhou um papel muito importante como inspirador de troco cultural entre os dois países. Foi ele quem forneceu a Henrik Stangerup a ideia de investigar a vida de Peter Wilhelm Lund o que resultou na publicação do livro, também traduzido para Português: *Na Trilha de Lagoa Santa*.

13. E ainda Tabajara Ruas, Lygia Fagundes, Fausto Wolff, Chico Buarque, Bartolomeu Queirós, Paulo Lins, Luís Veríssimo, José de Vasconcelos, Ana Maria Machado, Per Johns e Ivo Lêdo.

14. E ainda Oswald de Andrade, Jorge de Lima, Cassiano Ricardo, Murílio Mendes, João Cabral de Melo Neto e Ferreira Gullar.

15. De Mia Couto foi traduzido *Terra Sonâmbula*, de José Eduardo Agualusa *Fronteras Perdidas*, de Pepetela *Jaime Bunda, agente secreto* e de Germano Almeida *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*.

16. Bastante notável é o sucesso de *Tocaia Grande* de Jorge Amado (cerca de 30.000 exemplares vendidos), uma obra que, tal como foi o caso de *Memorial do Convento* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (José Saramago) foi vendido num círculo de leitores sob condições especiais o que indubitavelmente influenciou a venda. (Na Dinamarca não é o livreiro mas, sim, o editor que determina o preço de um novo título. O IVA é de 22 % de forma que livros são relativamente caros).

17. *O Alkimista* que a nível internacional vendeu cerca de 30.000.000 exemplares vendeu na Dinamarca 35.000 eks. *Zahir*, *Verónica decide morrer* e *Onze minutos* venderam cada um cerca de 4000 ex. (informações fornecidas pelo editor Bazar).

18. Lundbye, 1828, p. I. O prefácio ainda inclui uma longa e pormenorizada descrição biográfica de Camões (que merece uma investigação à parte), elaborada em plena correspondência com a concepção romântica do herói.

19. Por exemplo na antologia *Bien dør i honningkagen* (“*A abelha morre no bolo de mel*”) de 1973 onde se lê que ‘os textos [desta antologia] antes de avaliarem de uma maneira objectiva a situação nas colónias devem testemunhar como é que se leva a vida sob o domínio colonial e fascista e qual a importância militar e civil da guerra de libertação (Manghezi, 1973, p. 7) (tradução nossa).

20. Em 1998 a tradutora recebeu um dos prémios mais prestigiados na Dinamarca, o *Christian Wilster Prisen*, para a tradução da obra de José Saramago.

21. Per Johns no prefácio de Ivan Junqueiro: *Griffen* (1994). As mesmas atitudes ‘anti-tropicalistisa’ são manifestadas nas antologias *Litteratur i Latinamerika* (“*Literatura da América Latina*”) (1982) e *Virkeligheden og billedet. Ti brasilianske digtere* (“*A Realidade e a Imagem. Dez Poetas Brasileiros*”) (1974) e em várias outras publicações.

22.0Encontra-se esta justificação, por exemplo, no prefácio de Euclides da Cunha *Os Sertões* ou na antologia *Latinamerikas Spejl* (“*O Espelho da América Latina*”) (1982).

Bibliografia

Hjørnager, Viggo (1998): “Danish and Norwegian Traditions” in *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (ed. by Mona Baker), Routledge.

Johns, Per (1994), Prefácio em *Griffen*, traduzido por Peter Poulsen, Husets Forlag.

Larsen, Ingemai (2002): “Translation and Cultural History” in *Changing Philologies*, Museum Tusulanum Press.

Lund, Jørn (2003): *Den sproglige dagsorden*, Gyldendal.

Lundbye, H.V (1828): Prefácio em *Luis de Camoens´ Lusidade*, København (sem editor).

Manghezi, Nadja (1973): Prefácio em *Bien dør i honningkagen*, Mellempøkkelig Samvirke.

Steiner, George (1975): *After Babel, aspect of language and translation*, Oxford University Press.